

## Lima Barreto: o flâneur engajado?

Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel<sup>i</sup> (UFAM)

### **Resumo:**

*As relações de Lima Barreto com o campo literário de seu tempo são das mais controversas possíveis. Tendo produzido sua obra nas duas primeiras décadas do século XX, Lima Barreto teve cunhada para si, entre seus contemporâneos e gerações de críticos de diferentes épocas, a imagem do autor maldito em oposição a um campo literário seduzido pelos discursos de modernidade vindos da Europa. Essa disparidade entre o pensamento do autor e um campo literário hegemônico deve ser vista com certo cuidado, pois Lima Barreto está longe de poder ser considerado um nacionalista, tendo declarado inúmeras vezes que esse sentimento lhe aborrecia, e a fascinação pelo velho mundo, típica de seus contemporâneos, também atingira sua obra. Na tentativa de entender os impasses e soluções do autor na relação com os elementos cosmopolitas, proponho a discussão em torno do tema da flânerie.*

**Palavras-chave:** Lima Barreto – cosmopolitismo – flâneur.

Originalmente, o título desse trabalho tinha uma interrogação. O sinal de interrogação foi retirado, mas a estranheza da junção entre flânerie e engajamento não foi suprimida de todo nesse simples movimento. Parece-nos óbvio que flâneur e engajado são duas palavras auto-excludentes. O flâneur seria, tomando emprestada uma expressão de Oswald de Andrade, “um palhaço da burguesia”, recolhendo pedaços do cotidiano sob a perspectiva do espetáculo, do exótico, sem problematizá-los criticamente. Essa percepção “alienada” que temos da flânerie parece ter vindo de sua apropriação brasileira mais conhecida: A alma encantadora das ruas, de João do Rio.

A figura do flâneur proposta por João do Rio está diretamente relacionada à “desterritorialização, processo transitivo da cultura moderna” (ANTELO 1989, p.16). As ruas do Rio de Janeiro e seus pobres-diabos são medidos e apreciados pelo olhar cosmopolita, que mede tudo por Paris, capital do mundo. Os processos de modernização, por que passava a capital da República, servem para o cronista colocar em evidência o descompasso de uma nação que recentemente saíra do sistema colonial e adentrava em uma economia de mercado. Os velhos cocheiros, os criminosos, os trabalhadores da estiva, os tatuadores, os mercadores de livros não passavam de uma herança indesejada do antigo sistema colonial. Esse flâneur é de certa forma engajado, mas com o discurso cosmopolita, com o apagamento do passado, com a vergonha dos rastros escravocratas que se viam estampados nos rostos e nos corpos desses pobres-diabos.

Por esse viés, pode-se pensar que a adoção da flânerie como perspectiva criadora representasse para Lima Barreto uma adesão problemática aos valores “modernos” celebrados pelo campo literário vitorioso: Olavo Bilac, João do Rio, Bastos Tigre. Conforme Brito Broca, haveria um grupo de escritores encantados com o progresso e de outro lado um Lima Barreto que teria assumido os subúrbios como seu espaço de atuação:

*Os escritores superestimam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam. E requintes de civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a ‘cidade’, os bairros aristocráticos de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples – antagonismo de que a obra de Lima Barreto constituiria uma admirável ilustração.* (BROCA, 2005. p.38)

É evidente que Lima Barreto foi o primeiro autor da literatura brasileira a tratar dos subúrbios sem exotismo, inserindo um olhar de simpatia pelas mazelas do dia a dia da pequena burguesia que tinha como maior orgulho a carne seca e o feijão na mesa, como ironiza o narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. No entanto, a paixão do autor por sua cidade era integral, não podendo se restringir a apenas uma parte da cidade, e a flânerie aparece como uma possibilidade de representação de seus objetos de desejo: os monumentos da cidade, as ruas apertadas do centro, o trajeto sinuoso dos bondes pela geografia acidentada da cidade, a relatividade das posições entre centro e periferia. O corpo a corpo com a geografia do Rio, o corpo a corpo com a escrita literária.

Quero acompanhar esse movimento, essa perambulação de Lima Barreto que se dá em alguns trechos do *Diário Íntimo*, nas crônicas e que acaba por se tornar uma forma narrativa incorporada ao romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* (SCHEFFEL, 2012). Acredito que nessa escrita fragmentária possa-se perceber outro flâneur, aproximando-se de algumas considerações que Walter Benjamin faria, anos mais tarde, nas *Passagens*. Para Benjamin: As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes (BENJAMIN, 2009. p.468). Ou mais à frente: *A ociosidade do flâneur é um protesto contra a divisão do trabalho* (BENJAMIN, 2009. p.471). O espetáculo das multidões e a atitude crítica do flâneur, opondo-se ao labor capitalista, indicam uma articulação diferenciada por parte de Lima Barreto da flânerie.

Um primeiro ponto a se considerar, nessa discussão, é a relação dos escritores brasileiros do início do século com o progresso. O tom dominante, como sabemos, é de euforia (DIMAS, 1983), porém essa euforia não impede que certas contradições apareçam. Olavo Bilac saúda o aniversário do bonde, mas condena o cinema; celebra a derrubada dos antigos prédios coloniais no centro da cidade, mas se mostra contra a construção do bondinho do Pão de Açúcar. Claro que esses discursos devem ser vistos com cuidado, pois são, antes de tudo, discursos literários. Essas mesmas contradições com relação à técnica perpassam a escrita de Lima Barreto. O tom geral é de crítica ao progresso a qualquer custo e à fetichização da máquina, da técnica. A máquina em várias passagens da obra de Lima Barreto aparece como algo em desarmonia com o homem e com a natureza: seja o barco a vapor, o trem ou o automóvel. Um trecho da crônica *A Estação*, publicada *Gazeta de Notícias*, em 1921, pode dimensionar um pouco dessa perspectiva:

*A locomotiva veio beirando a plataforma, maciamente, obediente à curva dos trilhos e à mão do maquinista. Passou por mim arfando. Vi bem de perto aquele monstro negro, com manchas amarelas de cobre, dessorando graxa, azeite, expectorando fumaça e vapor. Recordei-me dos animais antediluvianos, do megatério, de todos esses bichos disformes de épocas longínquas. Nenhum se parecia com aquele que passara pelos meus olhos, no momento. É um monstro sem parentes na natureza; é um parto teratológico da inteligência humana. Lá se vai ele arrastado pelas rodas, grandes e pequenas, que giram pausadamente. Procuro os padrões de beleza que tenho na cabeça: comparo-os com a locomotiva. Não obtenho nenhuma relação. É deveras um monstro nascido sem modelo, da nossa mentalidade. (BARRETO, 2003. p.439-446)*

Ao mesmo tempo e sem que isso seja uma contradição, o trem e o bonde aparecem como espaço da busca literária, do contato com a multidão e da leitura da história da cidade. Nesses meios de transporte, tudo ganha movimento como num cinematógrafo, como se pode acompanhar em uma anotação de 1º de janeiro de 1905 – apesar de extensa cito-a, integralmente:

1 de janeiro.

Hoje, dia de Ano Bom (10 de janeiro de 1905) levantei-me como habitualmente às sete e meia para as oito horas. Fiz a única ablução do meu asseio, tomei café, fumei um cigarro e li os jornais. Acabando de lê-los, arrumei as paredes do meu quarto. Preguei aqui, ali,

alguns retratos e figuras, e ele tomou um aspecto mais garrido. Há, de mistura com caricaturas do Rire e do Simplicissimus, retratos de artistas e generais. Não faz mal; nesse aspecto baralhado ele terá o aspecto da vida ou da letra “A” do dicionário biográfico, que traz Alexandre, herói de alto coturno, e um Antônio qualquer, célebre por ter inventado certa pomada. Como a casa me aborrecesse, não unicamente pela tristonha moléstia de meu pai, mas por ela em si, com quem nunca me acomodei, resolvi dar uma volta. Demorando-se o trem na estação de Todos os Santos, fui tomá-lo na de Engenho de Dentro. O trem, banal como sempre; idiota e mascavado. Quase ao chegar ao Largo da Carioca, assisti uma cena de que já me ia desabitando. Três soldados do Exército em grande gala forçavam os vendedores ambulantes a lhes darem a sua fazenda gratuitamente. A um qualquer passante, isso, tachado de roubo, valeria um passeio até à estação policial; mas a soldados, não; eles se foram na mais santa das pazes. É coerente isso: o papel dos exércitos, desde os mais extraordinários de Condé e Frederico, até às nossas guardas nacionais da América do Sul, é esse mesmo. Eles três individualmente fizeram o que, talvez mais tarde, hão de fazer sob o pendão auriverde, em meu nome e no dos demais pacíficos homens desta terra.

Muni-me de uma ida e volta para o Leme e no elétrico voei linhas afora até o meu destino. A viagem até ao Largo do Machado foi banal e corriqueira. No banco em frente a mim iam dois burgueses, desses respeitáveis, passados dos cinquenta e ainda em santa paz conjugal. O homem era dos vulgares em sua classe. A mulher tinha características fisionômicas. Uma penugem rala crescia-lhe dos cabelos até o pescoço, fazendo supor, que, como um debrum simétrico, fosse pelas pernas, o busto, até aos pés. A cintura quase lhe ficava no pescoço e os seios empinados dentro de uma blusa cor-de-rosa de seda acabavam o seu todo grotesco. Na Rua Marquês de Abrantes, embarcam a Odete C. P. e outras. Nada de notável, a não ser a vulgaridade.

Pleno Leme. O dia é meigo. O Sol, ora espreitando através de nuvens, ora todo aberto, não caustica. Nos dous abarracamentos cheios de gente, espoucam garrafas de cerveja que se abrem. A praia se estende graduada, harmônica, desde o monte do Leme à igrejinha. A ponta recurva desta é como a cauda de um peixe que se dobrasse num “samburá”. Por detrás, a lombada de morros pintalga de verde-esmeralda, verde-garrafa, verde-mar, variando cambiantes aqui, ali, consoante as dobras do terreno e a incidência da luz, pintalga o azulado opalino do dia. O mar muge suavemente. As ondas verde-claro rebentam antes da praia em franjas de espuma. Pelo ar havia meiguice, e blandícias tinha o vento a sussurrar.

A gente que há é a vulgar dos piqueniques. Gente simplória que, enclausurada em casa uma semana, um mês, um ano, quem sabe, resfolegava naquele dia ao ar livre. Havia um deputado e família, o que não diminui nem altera a minha observação. No bonde, na altura da Rua dos Voluntários, tomaram-no dois rapazes e uma rapariga. A rapariga sentou-se ao meu lado. Como era de meu dever, comecei a observar-lhe discretamente. Ela não se aborreceu e observou-me. Estendeu a mão, mirei-lhe a mão com amor e firmeza. Ela escondia. Eu fingia olhar para outro lado, ela estendia, eu olhava. E assim fomos até ao Leme. Era uma espécie de galanteio que eu tinha inventado e que agradara a italiana (falava em patoá italiota com os rapazes). Já nas curvas, ela avançava mais do que eu. Dava-me encontrões. Preparei o flirt para o botequim, mas, aí chegando, o cioso irmão, percebendo, levou-a para longe. A minha covardia não permitiu que a seguisse, nem que a esperasse, de volta. Com isso, eu adquiri uma certeza; embora mulato, os meus olhares podem interessar as damas e desconfiar os irmãos delas.

Fui ao bastião do Leme. Na concavidade que há ali, fizeram um bastião poligonal a terminar nas duas asas da curva. Um velho canhão de ferro com as quinas repousa indolentemente num dos ângulos: é como um funcionário aposentado.

Na volta, o Teixeira Mendes veio. Benzi-me. Saía do São João Batista.

Adiante conversava com umas senhoras elegantemente vestidas (garanto, é verdade). Falavam de coisas familiares. Na praia de Botafogo, a senhora mais velha, olhando as obras, disse:

— Vamos ter um Rio de Janeiro bonito!

— Parece... A questão é que as cabeças não andam direito, disse o apóstolo. O apóstolo fala como se falou há vinte mil anos. Nada novo. Cediço. Puh! Pagou duas vezes a passagem (do cemitério ao Largo do Machado e do Largo à Glória), em nenhuma delas recebeu coupons. Singular! Não atino porque. Talvez seja um modo especial de ser altruísta: permitindo que o condutor furete. Puro anarquismo! (BARRETO, 1961. p.71-73)

As anotações do Diário Íntimo tinham em sua maioria o objetivo de capturar instantes do dia a dia, que poderiam se tornar matéria para romances e crônicas. Deve-se lembrar que na verdade tais anotações foram coligidas por Francisco de Assis Barbosa e organizadas por data, ou seja, muitos textos que estão no Diário Íntimo são apontamentos ficcionais. Dessa forma, ali se baralham desde as agruras da repartição, os problemas familiares, como anotações mais literárias. A fronteira entre ficção e confissão fica muito mais a cargo do leitor e do uso que se faz dessas notas.

Voltando a essa crônica, pois me parece a classificação mais adequada para esse texto, nota-se um primeiro momento de aconchego. É 1º dia do ano e o cronista recorta imagens que cola na parede de seu quarto. Tais colagens seguem a ordem aleatória de uma enciclopédia que põe lado a lado grandes vultos da história ao lado de figuras curiosas. A lembrança das agruras do lar faz com que o cronista saia à procura de matéria literária, ao contato com a multidão. Nas palavras de Benjamin: O flâneur é o observador do mercado. Seu saber está próximo da ciência oculta da conjuntura. Ele é o espião que o capitalismo envia ao reino do consumidor. (BENJAMIN, 2009. p.471)

Não lhe basta a leitura dos livros, dos jornais, é preciso ler a cidade que se abre como um livro em que figuras estranhas também se misturam: trechos de conversas, um flirt frustrado no bonde, a violências de dois soldados, uma descrição carregada de lirismo do mar, as reformas no centro do Rio de Janeiro e a presença do papa do Positivismo, Teixeira Mendes. Postura semelhante pode ser observada na crônica Com o “Binóculo”, publicada em 11 de janeiro de 1915, no *Correio da Noite*.

Com o “Binóculo”  
*Correio da Noite*, 11/01/1915.

Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um “homem das multidões” pode andar aos domingos. Julgava que essa história de piqueniques não fosse mais binocular; o meu engano, porém, ficou demonstrado.

No Largo da Carioca havia dois ou três bondes especiais e damas e cavalheiros, das mais chics rodas, esvoaçavam pela Galeria Cruzeiro, à espera da hora.

Elas, as damas, vinham todas vestidas com as mais custosas confecções ali do Ferreira, do Palais, ou do nobre Ramalho Ortigão, do Parc, e ensaiavam sorrisos como se fossem para Versalhes nos bons tempos da realeza francesa. Eu pensei que uma pasmosa riqueza tinha abatido sobre o Ameno Resedá ou sobre a “Corbeille des Fleurs” do nosso camarada Lourenço Cunha; mas estudei melhor as fisionomias e recebi a confirmação de que se tratava de damas binoculares, que iam a uma festa hípica, ou quer que seja, no Jardim Botânico.

Não é de estranhar que as pessoas binoculares vão a festas e piqueniques, mas assim, charanga à porta, a puxar o cortejo com um dobrado saltitante, julgo eu que não é da mais refinada elegância.

O “Binóculo” deve olhar para esse fato; deve procurar por um pouco mais de proporção de discrição nessas manifestações festivas da nossa grande roda aos cavalos de corridas; e ele tem tanto trabalho para o refinamento da nossa sociedade que não pode esquecer esse ponto.

Imagino que em Paris ou Londres os dez mil de cima não dão aos “rotos” esse espetáculo de tão flagrante mau gosto.

Não posso compreender como a elegante Mme Bulhões Sylvá, toda lida e saída nas

revistas, jornais e livros do bom-tom, que tem o Don't de cor, como o Senhor Aurelino o Código Penal, saia de manhã de casa, meta-se num bonde em companhia de pessoas mais ou menos desconhecidas e vá pelas ruas do Rio de Janeiro afora, ao som de uma charanga que repinica uma polca chorosa de muito rancho carnavalesco. (BARRETO, 2003. P.146)

Na crônica, em tom de confissão, Lima Barreto fala da sua mania deambulatória. Como assinalou o principal biógrafo do autor, Lima Barreto tinha a “necessidade de andar, bebericando aqui, ali, acolá, mais adiante, vencendo enormes distâncias a pé, até mais não poder, tonto de álcool e morto de cansaço” (BARBOSA, 2002, p. 234). Andar e sair de casa para ver a cidade que se tornara um livro: os nomes das ruas, os marcos históricos, as paisagens vistas em velocidade da janela do trem, os flagrantes do cotidiano. Impossibilitado de ler em casa, devido a conflitos familiares, acanhado com o luxo da Biblioteca Pública recém-inaugurada, restava-lhe a leitura das ruas. Leitura sempre renovada, lugar do Outro, enquanto a casa e a repartição eram os espaços da repetição, do Mesmo, do tédio que empurrava para as ruas, num novo ciclo de buscas.

No seu tempo de ócio, o cronista assume a função de um colunista social às avessas, apontando os aspectos risíveis da mania de sofisticação, dialogando com a coluna O Binóculo, de Figueiredo Pimentel, que determinava os padrões sofisticados que deveriam ser seguidos. Estranha o cronista aquelas damas das colunas sociais brasileiras (binoculares), com ares de realeza francesa, vestindo trajes das melhores casas, e que, entretanto, andam como todos os cidadãos de bonde. Fazem piquenique e se requebram ao som de uma charanga que repinica uma polca chorosa.

Outro dado importante dessa crônica é a alusão ao conto O homem das multidões, de Edgar Allan Poe. Essa referência parece apontar para o procedimento que Lima Barreto adota: a flânerie não é um tema como foi para outros autores brasileiros, mas um mecanismo de percepção das novas formas de sociabilidade geradas pelo universo da técnica. No conto de Poe, é a luz artificial dos lampiões a gás, que dava a tudo um efeito fantástico. Nas crônicas de Lima Barreto, é o bonde e o trem que põem lado a lado diferentes extratos sociais e que propiciam o encontro com a multidão. Daí o caráter fragmentário desses textos, que propõem um lirismo efêmero e transitório.

Deve-se observar que o interesse de Lima Barreto por essa técnica de escrita iria encontrar em Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá, romance publicado em 1919, seu ponto maior. Nesse romance, o fragmentário é assumido como meio de se discutir os dados da modernidade e as personagens parecem vagar por uma cidade cenográfica, onde as demais personagens são quase aparições fantasmagóricas, praticamente sem falas significativas. Em contrapartida, as falas de Augusto/Gonzaga versam sobre o teatro, os vestidos, as grandes damas, os passeios pela cidade, a burguesia de Petrópolis, o funcionalismo público, os prédios antigos e as modificações urbanísticas da cidade. A mania deambulatória das duas personagens permite o encontro de diferentes tempos históricos da cidade:

“O que me maravilhava em Gonzaga de Sá era o abuso que fazia da faculdade de locomoção. Encontrava-o em toda parte, e nas horas mais adiantadas. Uma vez, ia eu de trem, vi-o pelas tristes ruas que marginam o início da central; outra vez, era um domingo, encontrei-o na Praia das Flechas, em Niterói. Nas ruas da cidade, já não me causava surpresa vê-lo. Era em todas, pela manhã e pela tarde. Segui-o uma vez. Gonzaga andava metros, parava em frente a um sobrado, olhava, olhava e continuava. Subia morros, descia ladeiras, devagar sempre, e fumando voluptuosamente, com as mãos atrás das costas, agarrando a bengala.” (BARRETO, 1961. p.64)

Esse talvez seja o dado mais peculiar da flânerie de Lima Barreto: a tentativa de junção entre presente e passado. Isso tudo em um momento em que a cidade do Rio de Janeiro passava por um processo de remodelação, que muitas vezes significou a derrubada de prédios antigos e a interferência na paisagem natural da cidade. O flâneur Lima Barreto – na pele do cronista ou de Augusto Machado – vale-se das técnicas modernas de percepção para denunciar as reformas de

fachada e o lado problemático do capitalismo nascente no Brasil. Nisso, reside a particularidade de sua flânerie engajada.

## **Referências Bibliográficas**

ANTELO, Raúl. *João do Rio – o dândi e a especulação*. Rio de Janeiro: Livras Taurus-Timbre, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*; organização Willi Bolle; colaboração Olgária Chain Féres Matos; tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

BARRETO, Lima. *Toda crônica*; organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasilense, 1961.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5a ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

DIMAS, Antônio. *Tempos Eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983. RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica – Buenos Aires 1920 e 1930*; tradução Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. *Estações de passagem da ficção de Lima Barreto*. São Paulo: Annablume, 2012.

---

## **iAutor**

**Marcos SCHEFFEL, doutor.**

Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: marcos.scheffel53@gmail.com